

FRANZ KAFKA: UMA BUSCA CONSTANTE PELO SER HUMANO E PELO MUNDO

Odair Camati¹

Resumo. O presente texto se propõe a fazer um exame de três obras de Franz Kafka, *A metamorfose* (2019), *O processo* (1997) e *O Veredito* (2019). O texto apresenta duas seções, a primeira será dedicada a uma reflexão de cunho antropológico e até mesmo existencial no sentido de analisar as dificuldades que o ser humano enfrenta ao tentar compreender sua existência. A segunda parte se propõe a estabelecer reflexões mais genéricas sobre como a organização ético-política pode estar na causa dos problemas individuais. Em outras palavras, a pergunta que norteará a segunda parte é: a alienação infringida pela sociedade aos indivíduos impede-os de desenvolver uma vida emancipada? A partir dessas duas partes pretendo mostrar o alcance ético derivado das obras de Kafka.

Palavras-chave: Franz Kafka. Ser humano. Ambiguidade. Ética. Alienação.

FRANZ KAFKA: A CONSTANT SEARCH FOR THE HUMAN BEING AND THE WORLD

Abstract. This text sets out to examine three works by Franz Kafka, *The Metamorphosis* (2019), *The Trial* (1997) and *The Judgment* (2019). The text has two sections, the first of which will be dedicated to an anthropological and even existential reflection in the sense of analyzing the difficulties that human beings face when trying to understand their existence. The second part sets out to establish more general reflections on how ethical-political organization can be the cause of individual problems. In other words, the question that will guide the second part is: does the alienation that society inflicts on individuals prevent them from developing an emancipated life? From these two parts I intend to show the ethical scope derived from Kafka's works.

Keywords. Franz Kafka. Human being. Ambiguity. Ethics. Alienation.

Considerações iniciais

A presente reflexão em torno de Franz Kafka se direciona particularmente para três obras, *A metamorfose* (2019), *O processo* (1997) e *O Veredito* (2019). A proposta aqui não é fazer uma análise global e tampouco uma análise literária. Antes, partindo de Kafka, busco desenvolver algumas reflexões filosóficas (ético-políticas), especialmente em dois âmbitos, o primeiro acerca da condição humana e o segundo acerca de como o mundo e as suas mutações afetam o ser humano.

Em que condições se encontra o ser humano diante da impossibilidade de captar e compreender o mundo a sua volta? Essa me parece ser uma pergunta decisiva quando da leitura de Kafka na medida em que seus personagens, aqui me atenho aos livros citados acima, se encontram em situações complexas onde suas próprias existências estão em risco e quanto mais

¹ Possui graduação em filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (2011). Mestre em filosofia no Programa de Pós-graduação em filosofia (PPGFIL -UCS), como Bolsista da Fapergs. Doutorado em filosofia no Programa de Pós-Graduação em filosofia Universidade do Vale do Rio dos Sinos (PPGFIL - Unisinos), como bolsista Capes. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8637-3072>. E-mail: ocamati@ucs.br.

buscam compreender o que está ao seu redor, menos conseguem encontrar alternativas ou possíveis soluções para os seus problemas. O maior desafio se encontra na incapacidade de auto compreensão ou na incapacidade de compreender o que está acontecendo ao seu redor?

Entendo que essas situações colocam em relação profunda a incapacidade de se auto compreender aliada à impossibilidade de entender o mundo a sua volta. Quer dizer, ser humano e mundo quase se fundem dificultando ainda mais qualquer resolução, seja teórica ou prática. O ser humano que pergunta sobre si mesmo é o mesmo que pergunta pelo mundo e que participa desse mesmo mundo, ao mesmo tempo em que tudo parece lhe escapar. Duas vertentes parecem se abrir aqui: uma reflexão antropológica ou mesmo existencial e uma reflexão acerca da organização do mundo, quer dizer, como nos organizamos ética e politicamente.

A primeira parte do texto será dedicada a uma reflexão de cunho antropológico e até mesmo existencial no sentido de analisar as dificuldades que o ser humano enfrenta ao tentar compreender sua existência e as dificuldades que encontra em seu percurso. A segunda parte se propõe a estabelecer reflexões mais genéricas sobre como a organização ético-política pode estar na causa dos problemas individuais. Em outras palavras, a pergunta que norteará a segunda parte é: a alienação infringida pela sociedade aos indivíduos impede-os de desenvolver uma vida emancipada?

As duas seções do texto se propõem a investigar a relação entre a ambiguidade da condição humana e a forma como nos organizamos ética e politicamente. A ambiguidade se manifesta nas possibilidades múltiplas (ou na implacável grandeza) que podemos nos identificar, mas que sempre se deparam com o absurdo da existência humana. Há como que uma esperança sempre presente, mas que se depara como um limite, o absurdo. O grande questionamento reside em como lidar com essa condição e o que fazer em termos sociais e políticos para que nossa existência se desenvolva da melhor forma possível.

1. A ambiguidade da condição humana

“Há na condição humana - é o lugar-comum de todas as literaturas - uma absurdidade fundamental, ao mesmo tempo que uma implacável grandeza.” (Camus, 2010, p. 91). Camus oferece uma chave de leitura valiosa na tentativa de compreensão do texto Kafkiano porque nos coloca diante de uma ambiguidade que não alcançará nenhum resultado definitivo. É como se o melhor caminho a ser adotado fosse a aceitação de tal ambiguidade na tentativa de conviver com ela da forma mais amistosa possível.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maio - Agosto 2024	p. 550 - 564
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

Obviamente que as condições de vida e a forma com que Kafka foi criado pela sua família exercem forte influência sobre seus escritos e estes buscam, em alguma medida, passar a limpo a sua própria história. Talvez o elemento mais marcante e que aparece constantemente em seus textos seja a relação que desenvolveu com o seu pai. A figura paterna dominadora aparece especialmente n' *O Veredito*, mas é possível encontrar muitos elementos dessa natureza n' *A metamorfose* também. Nesse último texto a normalidade só volta quando Gregor morre e o pai como que recupera o controle da sua família, especialmente da sua filha, pois nesse momento cessa o conflito existente entre Gregor e seu pai e esse pode reestabelecer seu domínio.

A obra de Kafka possui, nesse sentido, um forte caráter de autoavaliação porque temas da vida pessoal acabam aparecendo nas suas obras, como é o caso da relação parental que acima mencionamos. Também é possível estabelecer uma relação entre as condições de trabalho enfrentadas por Gregor com aquilo que o próprio Kafka vivenciou. As condições de trabalho, a industrialização, a tecnologia nascente, a criação de sociedades de massa e o nascimento de institutos de punição que marcam a passagem do século XIX para o XX se fazem presentes na obra do escritor tcheco. Exatamente nessa linha que pretendo mostrar, na segunda parte do texto, que os problemas sociais também são uma preocupação constante nos textos aqui analisados.

A sequência dessa primeira parte fará uma relação entre as obras acima mencionadas de Kafka com *O mito de Sísifo* de Albert Camus, ou ao menos estará olhando para a obra de Kafka com o direcionamento apresentado por Camus. A chave de leitura ofertada por Camus é a ideia de que não é possível explicar tudo, algumas coisas apenas podem ser vivenciadas, notadamente o absurdo. Isso nos leva a olhar para os personagens Gregor, Joseph K. e Georg como obcecados em demasia na busca daquilo que parece carecer de explicação.

Gregor acorda em um dia qualquer e não consegue mais se identificar enquanto um ser humano, mas mesmo assim sua preocupação inicial é com o horário e com o deslocamento para o seu trabalho. Mas é também nesse momento que passa a refletir sobre a sua própria vida e sobre como o trabalho e suas precárias condições têm empobrecido ou acabado com a sua vida. Apenas para recordar, os problemas derivados das condições sociais serão aprofundados na segunda seção do texto.

Nesse momento vale notar como Gregor busca sem descanso uma compreensão para a sua situação e mais do que isso, uma resolução. Obviamente que a sua situação é desesperadora e que naturalmente nesses cenários buscamos encontrar uma solução. É possível também olhar

de forma mais ampla para a condição humana e perguntar em que medida possíveis soluções são viáveis e se tudo o que nos cerca, em termos de condição humana, pode ser compreendido. Para voltar à Camus há um momento em que não é mais possível compreender, apenas vivenciar e experimentar.

A preocupação central de Gregor se desloca do trabalho para a sua própria condição quando não consegue mais se comunicar e o gerente afirma, logo depois de Gregor tentar dizer alguma coisa para ele e para os seus pais: “Era voz de animal” (Kafka, 2019, p. 31). Nesse momento também ele se cobre de esperança porque acredita que receberá a devida ajuda.

Gregor, no entanto, ficara bem mais tranquilo. É verdade que não compreendiam mais suas palavras, mesmo que para ele tenham sido bastante claras, e inclusive mais claras do que antes, talvez por seu ouvido já ter se acostumado a elas. Em todo caso, pelo menos já acreditavam que as coisas não estavam em ordem com ele e se mostravam prontos a ajudá-lo (Kafka, 2019, p. 31-32).

Existe um momento de esperança em Gregor que logo se esvai na medida em que sua condição o impede de fazer suas tarefas diárias e o afasta das pessoas. Uma esperança dessa natureza também aparece em K. durante o enfrentamento de seu processo e parece estar presente em Georg quando esse vai ao encontro do seu pai. Entretanto, é uma constante em todos esses personagens que tal esperança não se mostra frutífera, pelo contrário, os joga mais uma vez contra a realidade. E a realidade é cada vez mais dura e impiedosa, mostrando-se implacável. Gregor se dá conta disso quando recebe o primeiro golpe de bengala e o comando paterno para que voltasse para dentro do seu quarto: “A porta ainda foi fechada com a bengala, depois enfim tudo ficou em silêncio” (Kafka, 2019, p. 42).

Há um momento em que tanto o senhor K. quanto Gregor ignoram a sua situação porque imaginam que logo as coisas voltarão ao seu estágio normal. É o que faz Gregor acreditando que se dormir mais um pouco, logo que acordar estará novamente em condições de voltar às suas atividades. Do mesmo modo o senhor K. em uma posição de superioridade questiona os guardas que o colocam em detenção da mesma forma que o inspetor, visto que esse também não tem conhecimento do processo a ser enfrentado por Joseph K.

Mas há um momento em que os personagens precisam encarar as suas realidades. No caso de Georg é o questionamento do pai que o faz dar-se conta da sua real situação. Para Gregor o momento lhe chega quando sua irmã e sua mãe buscam esvaziar o seu quarto para lhe permitir um melhor deslocamento e também para que ele pudesse se colocar em uma posição mais confortável. No final do dia as duas estão exaustas pela dificuldade em retirar móveis tão pesados do quarto, tanto que a irmã acaba se revoltando contra Gregor quando percebe que sua

mãe está com dificuldades e afirma: “Tu, Gregor! – exclamou a irmã de punhos levantados e olhar ameaçador” (Kafka, 2019, p. 66). A cena torna-se ainda mais forte quando o pai chega e percebe a situação de sua esposa e de sua filha.

Quanto à Joseph K. existem alguns momentos que lhe parecem despertar para a sua real situação. Um desses momentos é sua saída do primeiro interrogatório onde assume uma posição (inicial) de desdém com o que está passando, mas quando sai percebe que todos os que estavam presentes no interrogatório eram ao final “funcionários da justiça”. Esse processo é reforçado quando no domingo seguinte K. volta ao mesmo local do primeiro interrogatório, que na verdade é uma residência, e acaba passando mal pela primeira vez em sua vida. Entretanto, a virada final de chave se dá quando recebe a visita de seu tio que lhe questiona o porquê de não estar dando a devida atenção ao seu processo e conseqüentemente a sua própria defesa.

Desse momento em diante tanto Joseph K, Gregor e George mergulham em suas novas condições de vida e acabam por ignorar todos os demais elementos que os circundam. Nesse sentido, são características comuns nos personagens aqui analisados, (i) primeiro uma ignorância da sua real situação, (ii) depois um mergulho em suas novas condições numa busca desenfreada de dar conta dos novos problemas decorrentes dessas situações e, por fim, (iii) uma necessidade de aceitação forçada (porque exterior em um primeiro momento) de que as coisas não podem ser diferentes. Há como que uma construção e uma passagem de um estágio a outro no enfrentamento de seus novos problemas.

Quando do mergulho em suas situações é que se desvela uma necessidade quase perturbadora de compreensão do mundo e da condição em que os personagens se encontram.

De fato, os textos de Kafka se revelam como uma atividade exegética de teor místico, uma procura incessante da chave que permitirá compreender este mundo. Os heróis kafkianos não conseguem encontrar esta chave, mas lutam contra tudo e contra todos para provar que a sua interpretação dos fatos é a mais plausível possível (Baptista, 2007, p. 3).

Essa luta incessante pode ser paralisante porque não os leva a nenhuma solução ao mesmo tempo em que os força a deixar de lado uma série de acontecimentos e situações que poderiam ao menos amenizar suas atuais circunstâncias. Contudo, segundo Camus, não há solução e muito menos uma possibilidade de diminuição do sofrimento ou a possibilidade de uma situação menos perturbadora para os personagens de Kafka e também para todos os seres humanos. A ambigüidade, nesse sentido, se dá na relação entre a esperança de uma nova forma

de vida e a necessidade final de aceitação de que não há solução possível, resta apenas viver de acordo com a nossa condição.

Mas antes dessa aceitação emerge com muita força a segunda característica, a necessidade de compreensão de si mesmo e da realidade. Essa busca com que faz K. esteja desatento no seu trabalho no banco ou que Gregor passe noites e dias sem dormir pensando em retomar para si os assuntos da família. De tal forma que o herói precisa travar uma luta contra todos. “Acreditar em um mundo maior e melhor e observar a crise existente no mundo real exige do herói uma postura de líder místico, lutando contra tudo e contra todos” (Baptista, 2007, p. 9).

Parece que restam duas alternativas para o herói: aceitar a sua condição ou continuar nessa luta não frutífera contra tudo e contra todos. “Agora Gregor praticamente não comia mais nada” (Kafka, 2019, p. 82), aqui é possível perguntar qual dos caminhos Gregor assumiu, pois indica uma desistência da luta ao mesmo tempo em que não aponta claramente para uma aceitação, ao menos não completamente. É possível ler aqui uma espécie de resignação com a sua atual situação. As coisas ficam mais evidentes quando a família aluga um dos quartos e ao atender as exigências dos inquilinos vai enchendo o quarto de Gregor com as mobílias rejeitados pelos novos moradores. Esses dois elementos indicam, como afirmei, uma resignação diante da impossibilidade de uma mudança profunda das circunstâncias que envolvem os personagens de Kafka.

555

O processo com Joseph parece ainda mais longo e complexo, pois essa busca o leva a várias possibilidades, inclusive recorrendo ao pintor Titorelli que supostamente teria influência sobre a decisão de alguns magistrados, além de pensar na possibilidade de abrir mão do advogado e ele mesmo fazer a sua defesa. A aceitação ou a resignação de K. surge apenas na catedral a partir do encontro com o padre onde a condenação já lhe parece irreversível.

‘A única coisa que posso fazer agora’, disse para consigo, e o ritmo dos seus passos pautado pelo dos outros três certificou-o nos seus pensamentos, a única coisa que posso fazer é conservar até ao fim o meu sangue-frio e o meu espírito analítico. Sempre desejei possuir uma vintena de mãos para agarrar todo o universo, e isto, com um objetivo discutível. Estava enganado; devo mostrar agora que mesmo um processo de um ano não me serviu de lição? Devo afastar-me como um homem incapaz de compreender? Será preciso que possam contar que no início do processo eu queria terminá-lo e que chegado agora ao seu termo, quero recomeçá-lo? (Kafka, 1997, p. 127).

O reconhecimento da incapacidade de compreensão é aceitação de que nem tudo será compreendido e que a existência humana parece sempre escapar de quem a persegue com o intuito de compreendê-la ou de colocá-la em uma espécie de métrica. A encruzilhada que Camus nos apresenta se torna agora ainda mais evidente, ou luta-se contra o absurdo buscando compreendê-lo ou aceita-se que a existência se encontra já mergulhada nele e busca-se experimentá-lo da melhor forma que nos for possível, dentro das nossas condições de vida.

É possível perguntar se a encruzilhada nos levaria a um fim trágico visto que os personagens nas obras aqui citadas acabam perdendo suas vidas ao final de uma luta que parece não produzir nenhum resultado. Assumir o absurdo ou desistir implica a morte? Não, segundo Adam Phillips. Bárbara Blum apresenta em linhas gerais a tese que Phillips defende na obra *On Giving Up* mostrando como desistir é salutar em alguns momentos. E nesses casos, pensemos aqui em situações de grande sofrimento psíquico. Desistir não implica em findar a vida, mas em abrir outras possibilidades e buscar outros caminhos para nossa existência. Está aberta aqui uma possibilidade de leitura mais positiva no sentido de que é possível encontrar alternativas menos drásticas para viver e experimentar o absurdo.

Mas estariam Camus e Phillips tratando das mesmas dimensões? Aparentemente não, porque o primeiro trata de um problema existencial e o segundo trata de um problema de ordem psicológica. Entendo que Kafka pode ser o elo entre essas duas dimensões pois a dimensão existencial toca a dimensão concreta na medida em que nos deparamos com o absurdo e temos que lidar com ele no cotidiano. Os personagens de Kafka, cada um a seu modo, buscou lidar com esses desafios. Logicamente podemos questionar a qualidade de tais respostas e buscar outras alternativas. Um processo dessa natureza é plenamente viável e se constitui um desafio a todos nós, podendo abrir diferentes caminhos concretos. Entretanto, o mais importante aqui é que Kafka proporciona um desafio ao nos apresentar o absurdo como a “trivialidade do grotesco”, nas palavras de Gunther Anders.

Nessa perspectiva é possível derivar uma visão mais positiva, no sentido de abertura a novas possibilidades, da forma como Kafka entende a condição humana. Acredito que essa concepção pode ser defendida na medida em que o absurdo não pode ser compreendido, mas vivenciado como nos alerta Camus. Se pode ser vivenciado significa que não existe uma receita pré-determinada e que deva ser aplicada em todos os casos. Aqui se abrem as possibilidades para que a desistência seja vivenciada de diferentes maneiras, sem esperanças ilusórias.

Entenderemos melhor essa maneira de ver se digo que o pensamento verdadeiramente desesperador se define precisamente pelos critérios opostos, e que a obra trágica, uma

vez exilada toda a esperança futura, poderia ser aquela que descreve a vida de um homem feliz (Camus, 2010, p. 97).

Entendo que o desafio está em exilar toda esperança futura, não como uma desistência completa, mas como uma desistência que se adequa a cada um dos desafios que a existência nos apresenta. Nessa linha, a valorização excessiva do não desistir pode dar lugar a uma avaliação mais realista de como vivenciar a desistência dentro das possibilidades que se apresentam aos indivíduos. Talvez seja isso que Adorno esteja nos indicando quando afirma que a relação contemplativa entre o leitor e o texto sofre grandes perturbações na obra de Kafka.

2. Alienação como corporificação da ambiguidade

Na segunda parte do texto pretendo apresentar algumas reflexões em torno do conceito de alienação e mostrar como os personagens de Kafka corporificam as diversas facetas do sujeito alienado. Obviamente que não entrarei em todos os meandros do debate acerca desse conceito, tão central para os teóricos críticos, mas pretendo estabelecer algumas relações especialmente com Gregor, personagem principal do texto *A metamorfose*.

557

Legitimamente é possível perguntar o que é alienação, visto tratar-se de um conceito envolto em diversas disputas. Julian Roberts pode nos ajudar nessa compreensão:

A alienação é uma noção marxista, psicoterapêutica ou romântica, de que a humanidade é estranha ao mundo natural. Alguma coisa não se encaixa; os seres humanos estão violentando a natureza e, finalmente, a si mesmos. Os trabalhadores passam suas vidas aprisionados em ocupações que odeiam, criando produtos de que ninguém precisa e que destroem o ambiente em que vivem, envolvidos em conflitos fúteis e enervantes com suas famílias, seus vizinhos, outros grupos sociais e nações (Roberts, 2008, p. 87-88).

Nessa linha a alienação não se constitui como uma ausência de relação, mas como uma perda substantiva da qualidade dessas mesmas relações. Jaeggi (2014) chama isso de uma relação de falta de relação, apontando para o ponto central, a forma como nos relacionamos com o mundo, com os outros e conseqüentemente conosco mesmos. É como se tivéssemos perdido o poder sobre as nossas ações, especialmente sobre os produtos do nosso trabalho, levando a uma perda de sentido generalizada porque não nos compreendemos nas coisas que fazemos e nas relações que desenvolvemos. O sentimento é de que não estamos vivendo a nossa própria vida.

Um dos grandes desafios para quem se propõe a pensar a alienação é apresentar ao menos uma concepção geral do que seria uma vida não alienada. Desenvolver essa reflexão sem comprometer-se com um essencialismo é ainda mais desafiador. Jaeggi apresenta uma concepção formal de alienação que possibilitaria uma análise contextual e não essencialista:

Somente um mundo que eu possa tornar "meu" - somente um mundo com o qual eu possa me identificar (apropriando-me dele) - é um mundo no qual eu possa agir de maneira autodeterminada. (...) Entendido dessa forma, o conceito de alienação tenta identificar as condições sob as quais alguém pode entender a si mesmo como sujeito, como senhor de suas próprias ações (Jaeggi, 2014, p. 48).

Uma concepção dessa natureza direciona suas preocupações para as condições em que o sujeito pode tornar seu o mundo, contemplando seu trabalho, suas relações e também a forma como compreende a si mesmo. Não existe uma receita ou um manual de como desenvolver esse processo e também não é esse o objetivo dos teóricos aqui analisados. A teoria se direciona a oferecer critérios de avaliação no sentido de que o sujeito desenvolva uma avaliação e identifique em que aspectos possivelmente possa estar alienado.

Após essa breve conceitualização e levantamento dos problemas em torno do conceito de alienação passo agora a olhar para os personagens de Kafka no intuito de verificar em que medida estão alienados. Pretendo mostrar como Gregor sofria de todas as quatro formas de alienação já presentes no pensamento de Marx. Tomo aqui de empréstimo de Jaeggi e Celikates quais são essas quatro formas de alienação identificadas por Marx. Segundo Marx podemos estar alienados dos produtos do nosso trabalho, das nossas próprias atividades, do ser humano genérico (relação livre consigo mesmo e a relação com a humanidade enquanto produtora potencialmente cooperativa) e por último das outras pessoas.

No decorrer da obra de Kafka, Gregor vai indicando que não está vivendo uma vida que possa chamar de sua. Cumpre uma série de atividades no trabalho, busca manter o sustento da sua família e quando está em casa fica planejando os roteiros de suas próximas viagens de trabalho. O sobressalto em que acorda percebendo que se atrasaria para seus compromissos de trabalho é mais um indicativo de como Gregor estava imerso em múltiplas atividades, sem exercício reflexivo. A preocupação que toma conta do personagem de Kafka quando recebe a visita do gerente também caminha nessa direção: “Gregor percebeu que não poderia de modo algum deixar o gerente ir-se embora no estado de espírito em que se encontrava, caso não quisesse ver seu emprego na firma em perigo extremo” (Kafka, 2019, p. 37). Essa preocupação

aparece fortemente, mesmo sem que ele tivesse faltado um único dia em seis longos anos de trabalho.

Em alguma medida o trabalho acaba absorvendo a vida de Gregor impossibilitando-o de experimentar tanto a atividade profissional quanto o restante da sua vida como seu. Esse ponto se manifesta também na forma como Kafka relata a relação entre Gregor, o empregado, com o seu patrão. O relato mostra Gregor preocupado com a situação e buscando falar com o gerente, que está na sua casa, e que segundo o personagem principal da obra tem “uma visão melhor do que a do próprio senhor chefe” (Kafka, 2019, p. 36). A relação de trabalho acaba sendo um fator determinante de impedimento de uma vida emancipada, tanto para Gregor quanto para todos os seres humanos que não encontram um espaço de realização em suas atividades laborais.

Depois da metamorfose, tanto o pai quanto a mãe e a irmã de Gregor precisaram encontrar um trabalho. A alienação derivada do trabalho aparece fortemente no pai de Gregor que inclusive dormia com o uniforme de trabalho, “(...) o pai cochilava, completamente vestido, sobre sua cadeira, como se estivesse sempre pronto ao serviço e também ali apenas esperasse a voz de seu superior” (Kafka, 2019, p. 75). Nesse sentido, a alienação derivada do trabalho parece ser uma constante do tempo de Kafka que se reflete em seus personagens. O ponto central da atitude do pai de Gregor, é que ele espera “a voz de seu superior”, quer dizer ele perdeu qualquer possibilidade de decisão sobre suas próprias atividades.

Por sua vez, a alienação dos frutos do trabalho se manifesta nas dificuldades que a família de Gregor enfrenta no sustento diário, especialmente depois que o negócio de seu pai faliu. Como decorrência disso, e acima apresentei esse ponto, as próprias atividades dos membros da família acabam alienadas, no sentido de que toda a energia se direciona ao trabalho, no geral repetitivo, impedindo o exercício livre das suas vidas. Gregor até tem alguns planos, especialmente para a sua irmã no sentido de lhe oferecer a possibilidade de estudar música, mas as condições financeiras nunca permitiram a realização desse projeto.

A precariedade ainda se manifesta quando a família precisa alugar um quarto do seu apartamento depois da metamorfose de Gregor, tendo que se submeter aos caprichos dos inquilinos e tendo que os servir. O retrato dessa situação aparece na cena em que Gregor pouco a pouco deixa seu quarto e vai até a sala onde estava sua família e onde estavam também os

novos moradores do apartamento. A presença de Gregor obviamente que choca os inquilinos obrigando o seu pai a manda-los embora, ainda com uma atitude de submissão.

Nessa esteira os projetos de nenhum dos membros da família se realizam. Gregor relata, por exemplo, que espera acabar logo a dívida que a família tem com o seu patrão para deixar o trabalho e buscar algo que lhe seja melhor. Quando ainda intentava recuperar os assuntos da família logo “voltavam a surgir o chefe e o gerente, voltava a se lembrar dos caixeiros e dos aprendizes, *do contínuo tão estúpido...*” (Kafka, 2019, p. 78, grifo nosso). O pai parece resignado depois que seu negócio faliu e a filha não consegue realizar seus planos pela impossibilidade financeira. As atividades que os membros da família exercem não nascem de uma reflexão autônoma e esclarecida, mas apenas das necessidades que precisam cumprir junto com as dificuldades que eles enfrentam.

A terceira forma de alienação, do ser humano genérico, aparece aos poucos na forma como Gregor vai abandonando qualquer perspectiva de se compreender como um ser humano. A animalização, enquanto auto compreensão e compreensão externa, vai ocorrendo aos poucos e lhe retira a perspectiva de que poderá voltar a tomar conta dos assuntos da família ou encaminhar a irmã a um internato para que pudesse se dedicar à música. É como se a vida particular de Gregor pouco a pouco deixasse de existir impossibilitando também qualquer contato com a humanidade presente nele e nos demais seres.

A alienação do ser humano genérico se manifesta na relação consigo mesmo, levando Gregor a se compreender cada vez menos como humano, mas também se manifesta na incapacidade de compreender a humanidade enquanto possibilidade de construção cooperativa de produtos e também de relações. É como se o ser humano deixasse de vislumbrar nos demais qualquer possibilidade de uma construção minimamente coletiva ou cooperativa, afastando-se cada vez mais e preocupando-se exclusivamente com suas atividades que também estão alienadas. Nesse sentido, esse afastamento não é uma decisão puramente individual, mas uma derivação da forma como organizamos nossas vidas. Não há uma condenação moral sobre a ação individual, mas uma análise de como as relações sociais induzem o indivíduo a esse afastamento.

Jaeggi e Celikates recordam Hegel, pois: “Somos livres em e através das instituições supra individuais nas quais podemos nos realizar como indivíduos” (Celikates; Jaeggi, 2023, p.

110). Quando essas instituições perdem essa capacidade o sujeito acaba alienado das suas atividades, mas também daquilo que o permite compreender-se com um entre outros:

Por um lado, a incapacidade de exercer o controle sobre o que o sujeito faz, a saber, de ser individual ou coletivamente o sujeito de suas próprias ações (o problema da impotência); por outro lado, a incapacidade de se identificar significativamente com o que realiza e com aqueles com os quais realiza (o problema do empobrecimento, perda e falta de sentido do mundo) (Celikates; Jaeggi, 2023, p. 122).

Uma análise que se resume a ação individual é incapaz de compreender esse processo e também de oferecer qualquer possibilidade de alternativa. As duas formas de alienação se relacionam com as condições sociais, políticas e econômicas que cercam os indivíduos. Seguindo essa linha, Kafka apresenta as ações individuais dentro de um contexto social e econômico direcionando a crítica para a forma como está organizada nossa vida coletivamente.

Por fim, a alienação se manifesta na “relação de falta de relação” com os demais sujeitos. O processo de afastamento da família com relação a Gregor vai se consolidando aos poucos. Logo depois da metamorfose é a irmã que busca atender às necessidades de Gregor de forma cuidadosa, demonstrando inclusive uma preocupação com os novos gostos alimentares do irmão. Pouco a pouco, ela acaba se distanciando, especialmente quando começa a trabalhar e somente tem tempo para esse atendimento à noite. A irmã se dispõe a esse cuidado para preservar os pais de terem que entrar em contato com o “bicho” que seu irmão havia se transformado.

O afastamento vai fazendo, como já mencionei acima, que Gregor deixe de se compreender como humano, desejo esse que ele alimentava logo depois da metamorfose. Além disso, esse processo o aliena das relações com os demais, pois aos poucos o contato vai se tornando cada vez menor e mais perturbador. Para ilustrar esse momento recordo a cena em que a mãe e a irmã retiram os móveis do quarto de Gregor. Enquanto retiram buscam estabelecer o mínimo de contato com Gregor porque já não reconhecem aí um ser humano. Ainda antes quando da visita do gerente, Gregor tenta se justificar e reitera que logo estará pronto para o trabalho, mas o gerente afirma: “Era voz de animal” (Kafka, 2019, p. 31).

Esse processo se torna ainda mais evidente quando Gregor aparece diante dos inquilinos forçando o pai a expulsá-los depois dos insultos que esses proferiram. A família começa a se perguntar o que deve ser feito e qual a solução para o “bicho” que está em sua casa. É a irmã que verbaliza a sentença:

Queridos pais – disse a irmã, e bateu a mão sobre a mesa em forma de introdução -, assim não dá mais. Se vocês talvez não são capazes de ver isso, eu o vejo muito bem. Não quero pronunciar o nome do meu irmão diante desse monstro e por isso digo apenas o seguinte: temos de procurar um jeito de nos livrar dele. Tentamos tudo o que era humanamente possível para cuidar dele e suportá-lo, e acredito que ninguém pode nos fazer a menor censura (Kafka, 2019, p. 91).

Gregor já não existe mais enquanto um ser humano, se transformou em um bicho aos olhos dos demais. Essa compreensão ele mesmo foi desenvolvendo com o passar do tempo, mas agora ela é verbalizada externamente e apresenta um veredito final. O ser humano deu lugar a um monstro. Agora não é mais possível qualquer forma de relação humana, a alienação se tornou completa: Gregor está como que fora de casa naquele que é seu lar, naquele que é seu quarto, o centro da história narrada por Kafka.

Portanto, as quatro manifestações da alienação se materializam na história de Gregor. Primeiro está alienado dos frutos de seu trabalho, depois das suas próprias atividades e aos poucos acaba alienado da humanidade genérica e por fim dos outros, especialmente daqueles que lhe eram mais próximos, a sua família. O objetivo aqui foi mostrar como esses diferentes estágios vão se apresentando e se desenvolvendo na vida do personagem metamorfoseado, pois é como se a nossa atual forma de vida fosse aos poucos nos tornando bichos estranhos a nós mesmos, ao mundo e aos outros.

562

Considerações finais

É possível compreender a ambiguidade da condição humana? Traçar um cenário completo de quem é o ser humano e identificar os problemas sociais, políticos e econômicos que o cerca? Esses questionamentos não aparecem diretamente na obra de Kafka, mas serviram como ponto de referência para a análise aqui apresentada. A ideia foi desenvolver uma relação entre a ambiguidade da condição humana e as condições sociais e econômicas que nos cercam.

A ambiguidade da existência humana aparece como uma espécie de autorreflexão que Kafka faz de si mesmo e das dificuldades que enfrentou durante a sua vida. Desde a relação conturbada com a figura paterna até o trabalho maçante e repetitivo que desenvolveu no Instituto de seguros de acidentes de trabalho, atividade essa que o impediu de se dedicar integralmente à escrita, como desejava. Os personagens Joseph K., Gregor e George dos textos aqui analisados possuem ao menos um traço em comum, todos estavam incessantemente em busca de compreender a si mesmos e de dar cabo àquilo que os atormentava.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maio – Agosto 2024	p. 550 - 564
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

É comum também aos três personagens uma inércia inicial, sempre despertada por algum acontecimento externo. Desse momento em diante os três personagens empenham-se na busca daquilo que parece não ser possível de compreensão, quer dizer, estão em busca não apenas da resolução de seus problemas, mas também de uma explicação mais profunda do que está acontecendo. Para usar uma terminologia de Camus é como se estivessem buscando compreender o absurdo ao invés de vivenciá-lo. Exilar toda esperança futura pode ser o caminho de abertura para novas possibilidades, dentro daquilo que nos é possível vivenciar, em outras palavras, aceitando a ambiguidade sempre presente na existência humana.

Na sequência do texto me propus a fazer uma análise ético-política a partir das obras já referenciadas de Kafka. O intento foi mostrar que é possível estabelecer uma relação entre o conceito de alienação que vem desde Rousseau, Hegel e Marx e chega até Jaeggi e Celikates com o personagem Gregor que sofre uma metamorfose e se transforma em um bicho. A alienação não se constitui na ausência completa de relação, mas na relação de falta relacional, quer dizer, o problema está na forma com que a relação é desenvolvida, ou em outros termos, na qualidade em que tal relação se manifesta.

O intento foi mostrar que as quatro formas de alienação identificadas por Celikates e Jaeggi como presentes em Marx aparecem durante o processo de metamorfose de Gregor. O primeiro ponto é a alienação da natureza ou do fruto de seu trabalho, pois o personagem de Kafka mal consegue manter a sua família com o salário que recebe, além de estar submetido a condições difíceis de trabalho. O segundo aspecto ajuda a identificar uma auto alienação em Gregor, pois esse não se identifica nas coisas que produz e não consegue desenvolver seus projetos e anseios de vida. Ele simplesmente vende a sua força de trabalho por necessidade.

Além disso, é possível identificar uma alienação do ser genérico na medida em que o personagem não compreende mais a humanidade como minimante aberta a possibilidade de uma construção coletiva ou cooperativa, forçando-o a um distanciamento cada vez maior. Por fim, há também a alienação com os outros, porque já não o identificam mais como um ser humano capaz de interação e de compreensão. É nesse momento que irmã o identifica como bicho e que força a família a tomar uma decisão sobre o que fazer com aquele ser que já não era mais seu irmão.

Existe uma relação entre aspectos existenciais e sociais na obra de Kafka que não são tão claros quanto tentamos mostrar ao longo da presente reflexão. A proposta aqui é identificar

pontos de reflexão existencial que podem ser sintetizados na ambiguidade presente na existência humana, mas sem ignorar que essa ambiguidade está relacionada ao contexto social, político e econômico que estamos inseridos. Busquei mostrar que esse movimento está presente nos textos de Kafka, abrindo importantes caminhos de reflexão ética e política. É possível afirmar que a ambiguidade da condição humana se torna ainda mais complexa quando nossas condições sociais e econômicas de vida não são adequadas.

Referências

- ADORNO, T. **Prismas. Crítica cultural e sociedade.** São Paulo: editora ática, 1998.
- ANDERS, G. **Kafka. Pró e contra.** São Paulo: Cosac & Naify, 2007.
- BAPTISTA, M. R. **O confronto do herói com o mundo sacralizado em O processo de Franz Kafka.** *Cadernos de Ética e Filosofia Política* 11, 2/2007, p. 47-66.
- BLUM, B. **A ideia de nunca desistir é fascista, diz especialista.** *Folha de São Paulo*, 17 de janeiro de 2024, séries Folha.
- CELIKATES, R.; JAEGGI, R. **Filosofía social: Una introducción.** Tradução de Jordi Magnet Colomer. Madrid: Alianza Editorial, 2023.
- CAMUS, A. **O mito de Sísifo.** Tradução: Valerie Rumjanek Chaves. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- JAEGGI, R. **Alienation.** Traduzido por Frederick Nehouser e Alan Smith. New York: Columbia University Press, 2014.
- KAFKA, F. **O processo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- KAFKA, F. **A metamorfose.** Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- KAFKA, F.. **O veredito.** Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- ROBERTS, J. **A dialética do esclarecimento.** In: RUSH, F. (Org). *Teoria crítica.* Tradução de Beatriz Katinsky e Regina Andrés Rebollo. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.